



A aprendizagem do gênero textual conto de terror em turmas de 7º ano por meio do dispositivo sequência didática:

Um relato de experiência

Noemi Alves Tavares¹
Angela Valéria Alves de Lima²

Resumo

Este trabalho apresenta um relato de experiência no subprojeto de Letras do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) na Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (UFAPE). As atividades realizadas foram desenvolvidas no contexto de uma sequência didática (SD), na qual se trabalhou o gênero textual conto de terror, seguindo o modelo de SD proposto por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). O seu principal objetivo foi proporcionar aos alunos o domínio do gênero textual conto de terror, com vista a aprimorar a sua competência comunicativa, a partir da leitura e análise de contos da literatura brasileira e estrangeira e produção de um livro de contos de terror. Assim, do ponto de vista metodológico, a sequência didática seguiu a estrutura discutida pelos autores já citados, partindo de uma produção inicial, a partir da qual foi possível especificar os obstáculos de aprendizagem dos estudantes. Tais obstáculos foram tomados como objeto de estudo e trabalho nos módulos da SD que foi encerrada com a construção de livro de contos de terror, tendo os alunos como autores dos textos. Ao final, ao se comparar as produções iniciais e finais dos estudantes, percebemos o domínio dos discentes em relação aos elementos do gênero textual e à compreensão do seu funcionamento e papel na sociedade. Dessa forma, os alunos tornaram-se capazes de produzir o gênero textual conto de terror adequando-o ao seu contexto de produção e entenderam especificidades linguísticas do gênero em foco, reconhecendo-se como sujeito-autor no contexto escolar.

Palavras-chave:

Sequência Didática; Conto de terror; Gênero textual.

Sobre os autores:

¹ Graduanda em Letras - Português e Inglês - Universidade Federal do Agreste de Pernambuco – UFAPE. Email: noemi.tavares@ufape.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-4789-4158d>.

² Coordenadora do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (UFAPE). Email: angela.lima@ufape.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2845-7614>.

1. INTRODUÇÃO

O ensino da produção de texto em sala de aula tem sido tema de muitos trabalhos nos últimos anos e continua a ser uma preocupação importante no contexto escolar devido às diversas características e às condições do trabalho docente. Essa realidade aponta, muitas vezes, para a dificuldade do professor em conseguir engajar os estudantes na escrita de textos que possam ser tomadas como efetivas práticas de linguagem.

Assim, no contexto do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), financiado pela CAPES, preocupamo-nos em realizar um trabalho com o texto escrito de forma a contribuir com o desenvolvimento dos estudantes da escola em que atuávamos, bem como colaborar com a discussão sobre práticas de produção de texto que podem ser consideradas exitosas na educação básica.

Portanto, o nosso trabalho partiu da seguinte questão-problema: como engajar os alunos da educação básica em uma real prática de linguagem que os leve a ler e a produzir textos? Com base em levantamento feito entre os estudantes, percebemos o seu interesse pelos contos de terror, o que nos impulsionou a planejar uma sequência didática (SD), nos moldes defendidos por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), que pudesse, por um lado, contribuir com o desenvolvimento das competências linguísticas dos estudantes e, do outro lado, tornar o trabalho com a leitura e a escrita prazeroso e envolvente para os estudantes.

Sabemos que o gênero conto de terror é conhecido por seu apelo entre jovens, devido ao suspense, ao mistério e à emoção que proporciona em suas descrições. Utilizar contos de terror pode ser uma forma inovadora de capturar a atenção dos alunos, despertando seu interesse pela leitura em um cenário em que muitos adolescentes preferem entretenimento visual a livros. Como projeto final de nossas atividades, construímos uma coletânea de contos de terror, que ficou disponível na biblioteca da escola (em forma física) e na Internet (em forma de e-book).

Para compartilhar a experiência exitosa da SD planejada e aplicada, organizamos formalmente este artigo em seis seções, além desta introdução e das considerações finais. Assim, iniciaremos com o debate sobre o trabalho com gêneros textuais em sala de aula, com destaque para o conto de terror; apresentaremos, na sequência, a metodologia adotada para a realização da SD e finalizaremos com a discussão das atividades propostas e os resultados do trabalho, ressaltando o protagonismo assumido pelos estudantes na produção do e-book.

2. GÊNEROS TEXTUAIS EM SALA DE AULA

Em nossa sociedade, uma das principais ferramentas utilizadas na comunicação são os gêneros textuais que são históricos e culturalmente marcados. Segundo Marcuschi (2005), os gêneros textuais surgem mediante necessidades e atividades sociais, o que explica a sua variedade e grande quantidade hoje em dia.

Bakhtin (1979), ao se referir a esses mesmos objetos, denomina-os de gêneros do discurso, afirmando que eles organizam a nossa fala ou escrita, sendo enunciados relativamente estáveis, sujeitos à ação do tempo e da sociedade, mas também capazes de moldar nossa comunicação.

Assim, é notória a importância de se trabalhar com os gêneros em aulas de Língua Portuguesa, uma vez que eles se encontram circulando na sociedade, com estruturas (relativamente estáveis), formas e elementos específicos que se moldam a partir dos propósitos comunicativos de quem o utiliza. Além disso, o domínio deles é essencial para a comunicação entre os alunos, possibilitando um convívio e uma atuação enquanto cidadãos em nossa sociedade.

Nessa perspectiva, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), publicados em 1998, já defendiam que o ensino de Língua Portuguesa deve proporcionar aos estudantes o domínio da expressão oral e escrita, considerando a situação de produção material e social de textos: para quem esse texto foi produzido, qual a sua finalidade, qual o tempo, o lugar de produção e o suporte em que esse texto circula, ou seja, um trabalho que considere o contexto de produção e circulação dos gêneros textuais. Da mesma forma, a BNCC, mais recentemente, aponta a necessidade de se trabalhar com variados gêneros textuais, de maneira a capacitar os estudantes a atuarem em sociedade, com o uso efetivo da Língua Portuguesa que se realiza por meio de gêneros textuais.

Dessa maneira, o trabalho com gêneros textuais é uma necessidade apontada tanto pelos teóricos da linguagem quanto pelos documentos oficiais que têm determinado o seu ensino-aprendizagem, a fim de ampliar a capacidade comunicativa dos estudantes, o que pode ser feito pela abordagem sistemática de variados gêneros textuais, dentre os quais destacamos o conto de terror.

2.1 Conto de Terror

A narração de histórias é uma capacidade humana exercida pelas sociedades diariamente, fazendo parte da cultura popular. Segundo Franzoso (2016), os contos têm sua origem na oralidade com os contos populares. Após a invenção da escrita, Charles Perrault e os irmãos

Grimm são precursores na passagem de contos orais para a cultura escrita.

Essa capacidade humana "é um instrumento de produção de significados que domina grande parte da vida humana em uma cultura" (Franzoso, 2016, p. 17), ou seja, o gênero conto é utilizado na sociedade há muito tempo, trazendo uma verossimilhança e possibilitado uma credibilidade. Assim, o leitor, por meio da sua imaginação e da criatividade do autor, pode realizar comparações com o mundo real e a história lida.

O conto apresenta características básicas presentes em toda narrativa, iniciando com a apresentação do enredo, passando para o desenvolvimento dos acontecimentos, depois o clímax e o desfecho. De acordo com Lopes (apud Franzoso, 2016), a narrativa precisa ser finita; ter um esquema mínimo com o protagonista e o antagonista; ter personagens qualificados para realizar as ações, as quais precisam criar relações entre os personagens e o desenvolvimento da narrativa; e ter um tempo perceptível, que irá se relacionar com os conteúdos.

Tal gênero tem a função de conquistar um efeito único mediante uma leitura não muito curta, mas também não muito longa, precisando ser dosada e garantir o entusiasmo durante um tempo determinado, ou seja, os meios narrativos sofrem uma economia, são breves e sem excesso de detalhes, necessitando levar o leitor a um só caminho. Desse modo, Nádya Gotlib, em seu livro Teoria do Conto (1990), defende que o conto necessita "conseguir, com o mínimo de meios, o máximo de efeitos. E tudo que não estiver diretamente relacionado com o efeito, para conquistar o interesse do leitor, deve ser suprimido" (p. 20).

Ainda, segundo a autora, o conto tem seu fim no clímax, sendo exigido do gênero algo novo, clareza, força e compactação. Dessa maneira, o autor "para conseguir compactar os elementos do conto, ou apresentá-los com concisão... tem de controlar a tendência aos excessos e ao supérfluo. O autor tem de se conter" (p. 24).

Assim, por ser uma narrativa mais curta, quando comparada ao romance e à novela, o conto possui personagens que terão suas características definidas pela dificuldade enfrentada por eles durante o enredo (Franzoso, 2016). Dessa forma, a personalidade e as emoções dos poucos personagens precisam girar em torno dos acontecimentos sofridos por eles. Descrever tais emoções se torna essencial para que o enredo tenha um bom desenvolvimento.

Quando procuramos temáticas para os contos, encontramos a temática de "terror". Lovecraft (2007) afirma que o medo é a emoção mais forte e mais antiga da humanidade, sendo o medo do desconhecido o mais poderoso de todos. Desse modo, contos de terror que trazem o desconhecido e o sobrenatural causam a sensação de

medo em seus leitores mediante o que pode ser imaginado durante a leitura, distanciando-se, algumas vezes, do que é visto no dia a dia.

Sobre o conto de terror, Carvalho (2021, p. 214) afirma que:

Geralmente, o autor de gênero de terror se vale de uma série de recursos discursivos para sensibilizar o leitor acerca do universo do personagem onde vive um infortúnio, permitindo ao leitor, no plano ficcional, a experiência do medo, do estranhamento e da ansiedade, a fim de oportunizar reflexões sobre a existência. O narrador dessas histórias, mas do que uma entidade ficcional que relata acontecimentos, faz avaliações e tenta persuadir o leitor a partir de um ponto de vista. Considerando os aspectos mencionados, a análise desses textos depende da observação de certas regularidades enunciativas que nos ajudam a entrar no universo discursivo dos contos de terror.

Ou seja, quando estudamos o conto de terror, encontramos meios para que o leitor se sinta ansioso e tenha medo do que está por vir na história, causando uma curiosidade para se descobrir os mistérios do oculto.

De acordo com a citação acima, o conto de terror possui regularidades enunciativas que contribuem para a entrada no universo do medo. Dessa maneira, ao realizarmos leituras de diversos exemplares desse gênero, observamos que as descrições do espaço são fundamentais para a criação de uma atmosfera sombria na narrativa. Para exemplificar a presença dessa atmosfera, trazemos o seguinte trecho, retirado do conto “Crianças à venda. Tratar aqui”, de Rosa Amanda Strausz (2006, p. 72):

Não tinha medo. Não sentia nada além de uma urgência imensa e de uma esperança meio improvável de ainda encontrar o irmão. Abriu o pesado portão com um safanão e foi entrando. Deparou-se com o saguão de entrada, o mesmo que já tinha visto nas fotos. No entanto, agora, as paredes estavam descascadas, as vidraças das janelas, quebradas, a bela escadaria de madeira que conduzia ao segundo andar, destruída. E não existia mais nenhum dos móveis luxuosos que serviam de cenário para as poses de Fabiojunio.

Verificamos que o uso de adjetivos como “descascadas”, “quebradas” e “destruídas” parecem contribuir para a aura de medo e suspense do conto, dando ao ambiente em que o enredo se passa uma caracterização de local medonho. Tal caracterização é comum em contos de terror.

No trecho “As fotos diziam claramente que se tratava de um caso de bruxaria e não queria enfrentar uma novidade daquelas sozinho” (Strausz, 2006, p. 70), por exemplo, também conseguimos captar outro

artifício que um autor de contos de terror realiza ao trazer previamente informações no conflito que irão desencadear determinadas ações da personagem principal e dos acontecimentos do clímax.

Apontar em um conto de terror as sensações e emoções dos personagens pode ser um recurso pertinente para o desenvolvimento do pavor no leitor. Vemos em “Os Porcos”, de Júlia Lopes de Almeida (2019), por exemplo, as explanações de como Umbelina, personagem principal, sentia-se ao escutar o seu filho recém-nascido gemer ao ser devorado por porcos, descrevendo, assim, que a cabocla estremeceu e sentiu um frio soprar em seu corpo, com a morte se aproximando. Portanto, ao mencionar esses sentimentos, os leitores podem se sentir apavorados com acontecimentos vividos pelas personagens.

Basicamente, são presentes características únicas em um conto de terror que o faz ser classificado como tal. O narrador precisa causar um efeito singular mediante técnicas e recursos linguísticos que causem um suspense diante de um “mistério”, o qual será resolvido no desfecho do conto e normalmente tem a presença do desconhecido.

2.2 O Conto de Terror em Sala de Aula

Já em sala de aula, o trabalho com gêneros se deve ao fato de eles estarem presentes no cotidiano das sociedades, sendo necessário que esse ensino não esteja desvinculado do contexto de comunicação, isto é, da situação de produção e recepção do texto. Sendo assim, o uso de gêneros textuais em aulas de Língua Portuguesa contribui para o processo de letramento, ao se realizar atividades de leitura e produção textual com o aluno.

Segundo Guimarães e Kersch (2015), o letramento é pluralidade. Desse modo, o ensino da leitura e da escrita deve ir além dos muros da escola e chegar ao mundo “real”, pois, no processo de leitura e escrita, estamos lidando com textos, os quais são materializados em gêneros. Portanto, percebemos que, ao longo dos anos, as tarefas e as demandas sociais mudam, sendo assim, no dia a dia são requeridas determinadas habilidades de leitura e escrita que antes não eram “necessárias”.

No que se refere ao conto de terror, este é trabalhado do Ensino Fundamental até o Ensino Médio, adequando-se a cada nível e habilidade exigida, sendo bastante usado por professores que buscam uma variedade temática, visto que o conto possui muitos temas, como policial, terror, mistério, ficção científica, fantástico etc, contemplando, inclusive questões ideológicas que estão presentes em todos os textos.

Além disso, por ser uma narrativa considerada curta, possibilita a leitura em pouco tempo, podendo ser realizada na própria sala de aula, sobrando tempo para uma reflexão e discussão do que foi lido,

ajudando, assim, o aluno a melhorar suas habilidades linguísticas ao compartilhar com os colegas as suas experiências de leitura, ampliando o desenvolvimento do processo de letramento do aluno.

De acordo com Terra (2019, p. 40), “outro fator que impulsiona escolher o conto como gênero a ser trabalhado é o fato de suas características estarem presentes em outros gêneros narrativos”, ou seja, a partir de estudos com o gênero conto, é possível aprender e compreender elementos da narrativa, também presentes em gêneros narrativos ficcionais mais longos, como o romance e a novela.

Outrossim, acreditamos que o professor poderá ajudar seus alunos na evolução de suas habilidades de pesquisa através dos autores, das temáticas de um conto, das suas principais características, além de que é possível trabalhar a leitura, a escrita e a análise linguística, a partir das produções textuais dos próprios alunos.

Em suma, a aplicabilidade do gênero textual em sala de aula pode contribuir para a formação de leitores autônomos com um olhar mais crítico e reflexivo, mediante leituras que podem “captar” a atenção do leitor, engajando no aluno o gosto pela leitura e produção textual, contribuindo para a ampliação de seu letramento, inclusive o literário.

3. METODOLOGIA

Para o desenvolvimento de nossas atividades no âmbito do PIBID, escolhemos duas turmas de 7º ano do Ensino Fundamental, de uma escola pública estadual, na cidade de Garanhuns-PE. Cada uma delas tinha entre 25 e 30 alunos com idade de 12 a 14 anos. A definição da turma e da temática a ser trabalhada era uma exigência do PIBID que demanda de seus bolsistas a intervenção em sala de aula.

Através de sondagens realizadas com as turmas, descobrimos que os alunos não gostavam de realizar leituras de textos muito longos, e muitos deles não se engajavam na produção textual de textos literários. Também foi possível constatar que a maioria se interessava pela temática “terror”, mediante o consumo de filmes, séries e jogos.

Ainda em busca da definição da temática a ser discutida com os alunos, analisamos o Currículo de Pernambuco (2019), para que pudéssemos ter acesso às prescrições de conteúdos voltados ao 7º ano, como também para obtermos orientações sobre as especificidades da língua portuguesa que poderiam ser discutidas a partir de textos que explorassem o tema “terror”. Com base nessa análise, selecionamos um conjunto de habilidades a serem trabalhadas com os estudantes, as quais destacamos abaixo:

- a) EF67LP30PE: refere-se à habilidade de produção de textos narrativos ficcionais, focalizando no conhecimento dos elementos

- e da estrutura da narrativa de ficção e tempos verbais;
- b) EF69LP53PE: refere-se ao desenvolvimento da leitura em voz alta de textos literários;
 - c) EF69LP44PE: refere-se à inferência do contexto social, cultural e histórico da produção de textos literários;
 - d) EF69LP46PE: refere-se à participação em práticas de leitura/recepção de obras literárias, como eventos de contação de histórias;
 - e) EF69LP47PE: trata-se da análise da estrutura e dos elementos presentes na narrativa ficcional;
 - f) EF69LP47APE: relaciona-se à análise dos recursos coesivos existentes nos textos, como a questão dos marcadores temporais, a descrição dos espaços físicos e dos personagens, tempo verbal, tipos de discurso e variação linguística;
 - g) EF69LP47XPE: refere-se à habilidade de diferenciar autor de narrador e dos personagens, bem como de reconhecer os tipos de narrador existentes.

Como se pode notar, as habilidades selecionadas estão relacionadas ao tratamento do texto literário em sala de aula, envolvendo elementos do contexto de produção e circulação do gênero, de sua estrutura formal e ainda de aspectos linguísticos que podem ser explorados num texto narrativo.

Com base nisso, e antes de produzirmos a sequência didática, realizamos o levantamento das dimensões ensináveis no gênero literário conto de terror, a fim de que pudéssemos identificar, em exemplares autênticos do gênero, os elementos que podem ser explorados durante o seu ensino. Isso deu origem ao que Dolz, Gagnon e Decândio (2010) denominam de Modelo Didático de Gênero (MDG). Segundo os autores, um MDG “é a descrição provisória das principais características de um gênero textual com o objetivo de ensiná-las” (2010, p. 48), cuja função primordial é apresentar todos os aspectos que podem ser explorados no trabalho com o texto selecionado. Vejamos, no quadro 1, o resultado do nosso MDG:

Quadro 1: Modelo didático do Gênero Conto de terror

Situação de comunicação	Conteúdo temático	Planificação	Textualização: unidades linguísticas	Paginação do texto
- Produzido por alunos, escritores literários, professores etc.; - Produção textual	- Título do conto que poderá sugerir o que	- Introdução aos personagens e ao enredo; - Desenvolvimento dos	- Adjetivos/descriptores dos espaços (grande, escuro, velho etc.), emoções (medo, pavor,	- Livros didáticos literários; - Internet:

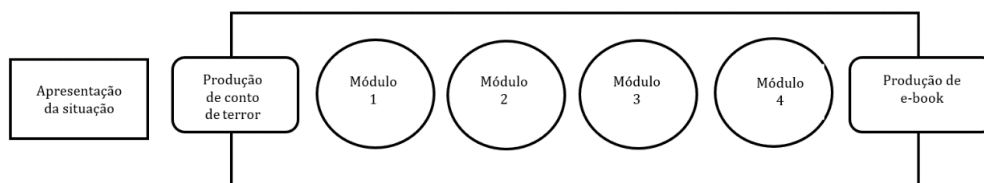
pública e formal/informal; - Esfera escolar, online e jornalística; - Objetivo: criar um mundo real + um mundo sobrenatural; - Público-alvo: adolescentes, jovens e adultos.	será tratado no conto.	acontecimentos (som suspense), espaço e tempo; - Desenvolvimento do clímax; - Na maioria das vezes, apresentar-se um desfecho para finalizar a história.	alegria, tristeza etc. - Marcadores de tempo (manhã, noite, ano etc.); - Tempos verbais (pretérito perfeito, imperfeito, mais que perfeito, futuro do pretérito, presente); - Variação linguística nas falas dos personagens.	site, audiobooks, redes sociais, blogs; - Jornais e revistas.
---	------------------------	--	--	--

Fonte: As autoras

Com base no MDG, pudemos visualizar especificamente as possibilidades de elementos que poderiam ser explorados na sequência didática, mas foi apenas após a primeira produção dos estudantes que a construção da SD foi finalizada, tendo em vista que a escrita inicial nos permitiu fazer um levantamento sobre as habilidades que os alunos já dominavam e o que eles ainda precisavam aprimorar.

Na figura 1, segue a SD construída com base no MDG e na produção inicial dos estudantes:

Figura 1 - Sequência Didática do Gênero Conto de Terror



Fonte: Adaptado de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004)

A SD teve 4 módulos e uma carga horária de 14 horas-aula, tendo como objetivo principal possibilitar aos alunos o domínio do gênero textual Conto de Terror, por meio do contato e da análise de seus principais elementos narrativos em obras nacionais e estrangeiras contemporâneas. Além disso, cada um dos módulos foi elaborado com bases nos obstáculos de aprendizagem identificados após atenta observação das produções iniciais dos estudantes. Ao final do processo, produzimos uma coletânea de contos de terror, a qual ficou disponível na biblioteca da escola e no formato de e-book.

Na próxima seção, iremos detalhar como foi a nossa experiência durante a aplicação das atividades propostas para se trabalhar com a SD por nós elaborada.

3.1 A Aplicação da Sequência Didática

Na aplicação de nossa SD, para apresentarmos o nosso projeto de comunicação, que consistia na construção de uma coletânea de contos de terror, propomos aos alunos a leitura de dois contos, sem explicitarmos a estrutura do gênero e os elementos da narrativa. Esse foi o primeiro contato dos estudantes com o conto de terror, para, em seguida, realizarem a produção inicial.

No momento da produção inicial, os estudantes, em sua maioria, ficaram nervosos e alegaram não saber escrever esse tipo de conto, e muitos deles demonstraram uma preocupação com a possível avaliação do texto. Assim, foi preciso explicar que aquela primeira produção tinha um caráter diagnóstico, a partir da qual seria possível fazer o levantamento do que eles conheciam sobre o gênero conto de terror. Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) defendem a realização da produção inicial justamente para que o professor possa identificar as habilidades que os estudantes já dominam e aquelas que eles ainda precisam desenvolver. É com base nessa atividade que o docente tem possibilidade de propor tarefas que realmente levem ao aperfeiçoamento da competência comunicativa de seus estudantes.

Assim, com a produção inicial em mãos, pudemos observar os obstáculos de aprendizagem dos alunos os quais estavam relacionados a três dimensões principais: situação de comunicação (contexto de produção), planificação (estrutura formal do texto) e textualização (emprego das unidades linguísticas). Com tais informações, organizamos os módulos subsequentes.

No módulo 1, trabalhamos com a relação entre os personagens e o desenvolvimento, focando nos aspectos associados ao clima de suspense gerados pelas ações dos personagens na história. Nesse módulo, que durou cerca de quatro aulas, realizamos a leitura dos contos “Crianças à venda. Tratar aqui” e “Sete Ossos e uma Maldição”, de Rosa Amanda Strausz e “Retrato Oval”, de Edgar Allan Poe. A cada leitura dos contos, analisamos, mediante atividades diversificadas, aspectos das ações dos personagens, bem como questões linguísticas, como o uso de adjetivos para descrever tais ações.

Dessa forma, no módulo 2, que durou duas aulas, demos continuidade à discussão de alguns mecanismos de textualização utilizados nas descrições presentes no conto de terror. Debates especificamente a construção do espaço e tempo, tentando mostrar aos estudantes como o emprego de adjetivos ou expressões adjetivas contribuem com a construção dos ambientes em que ocorrem os acontecimentos da narrativa, bem como chamamos a atenção para a necessidade de se ter um espaço e tempos reduzidos. Para isso, entregamos aos alunos três imagens dos pontos turísticos da cidade de Garanhuns em Pernambuco para que eles as descrevessem de modo

que causasse medo em seu leitor. Nessa etapa, os alunos se engajaram, uma vez que as imagens escolhidas faziam parte de sua realidade. Com isso, foi possível trabalhar no nível dos elementos linguísticos de forma prazerosa e envolvente, levando os estudantes a compreenderem a relação entre o sentido do texto e o emprego de recursos gramaticais.

Em relação ao módulo três, o qual também durou cerca de duas aulas, dedicamo-nos à estrutura (planificação) do gênero conto de terror. Para isso, dividimos cada uma das turmas em 4 grupos e entregamos fragmentos de dois contos: “Os Porcos”, de Júlia Lopes de Almeida e “Venha Ver o Pôr do Sol”, de Lygia Fagundes Telles. Esses contos foram decompostos em quatro categorias: introdução, conflito, clímax e desfecho, para que cada grupo classificasse seu fragmento em cada uma dessas 4 categorias e justificasse sua decisão. Assim, durante essa dinâmica, apresentamos e explicamos a estrutura de um conto de terror, elencando as características que cada etapa normalmente possui.

Para finalizar o módulo três e recapitular o que trabalhamos na dinâmica, levamos o conto “O Atirador”, disponível no canal de Youtube “Assustador” e escrito por Cesar Bonini, com uma atividade em que os alunos deveriam identificar e analisar cada uma das partes do conto. Essa tarefa foi tomada como uma etapa de avaliação processual, a partir da qual pudemos notar que a maioria dos alunos estava compreendendo como se dava o desenvolvimento do enredo e a estruturação de um conto de terror.

O nosso último módulo consistiu em quatro aulas. No primeiro momento, pedimos aos alunos a construção de um mapa mental sobre o conto de terror, com a finalidade de realizar a capitalização de todos os módulos. Assim sendo, nos mapas mentais construídos pelos alunos, foram levantados pontos da estrutura do gênero textual, de seus principais elementos, bem como da descrição de espaço, tempo, ações e sentimentos das personagens. Ao fim dessa primeira aula, que foi mais uma etapa da avaliação processual, os alunos organizaram um mural, em sala de aula, com a produção de seus mapas mentais.

Na segunda etapa do módulo 4, as produções iniciais dos estudantes foram retomadas como objeto de estudo para que pudessem refletir sobre a própria escrita e a de seus colegas. Nessa perspectiva, propomos que a turma do 7º ano B corrigisse as produções do 7º ano A, e vice-versa. Em tal atividade, não revelamos os nomes dos alunos-autores das produções, por uma questão ética, evitando constrangimentos. Fundamentalmente, no momento das avaliações, os estudantes destacaram e discutiram a estrutura e os elementos do conto de terror presentes ou ausentes nos textos.

Nessa etapa, também aproveitamos a oportunidade para abordar

outro elemento no nível da textualização: a concordância verbal, que havia se revelado um obstáculo de aprendizagem nos textos dos alunos. Assim, partindo da escrita dos estudantes, discutimos a concordância verbal na perspectiva da variação linguística, a fim de refletirmos sobre especificidades do português do Brasil. Ademais, discutimos a necessidade de haver uma adequação da linguagem ao gênero, levando-se em consideração o seu contexto de produção e circulação (situação de comunicação). Dessa forma, refletimos com os alunos sobre a importância de, sempre considerando o público a que o texto está destinado, realizarmos adequação da escrita à norma de referência, evitando desvios de concordância verbal.

Após o 4º módulo, partimos para a última etapa da nossa SD: a produção final, em que alguns alunos escolheram refazer as suas produções. Todavia boa parte, assumindo uma postura crítica em relação à sua escrita inicial, decidiu escrever uma nova história. Assim, esse processo demandou cerca de 5 aulas, nas quais, como nossa orientação e avaliação, os alunos foram paulatinamente escrevendo a produção final que deu origem ao e-book e ao livro físico.

4. RESULTADOS

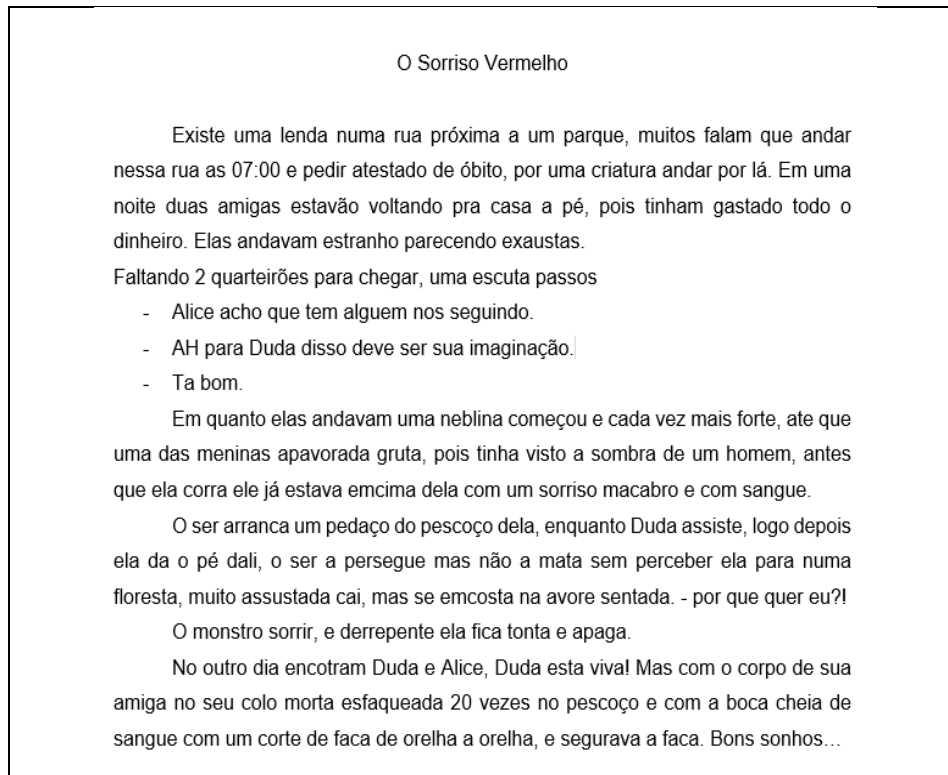
Assumimos e defendemos a SD como um importante dispositivo para o ensino de língua. Destacamos que, embora a produção textual seja o seu foco, outros eixos de ensino do português podem ser acionados durante o seu desenvolvimento. No caso de nosso trabalho com o conto de terror, necessitamos realizar atividades de leitura e análise linguística.

Isso ocorreu porque, para a produção do texto, fez-se necessária a leitura de exemplares do mesmo gênero a fim de levarmos os alunos a analisarem e compreenderem a sua planificação. Assim integramos à nossa sequência, a leitura de textos literários nacionais e estrangeiros. Da mesma forma, realizamos atividades de análise linguística ao discutirmos o papel dos adjetivos nas sequências descritivas do conto, bem como ao estudarmos a concordância verbal com base nos obstáculos de aprendizagem dos estudantes.

Ressaltamos que, na SD, a decisão do que será explorado em sala de aula depende tanto das escolhas do docente, quanto dos interesses e das necessidades apresentadas pelos estudantes em termos de aprendizagem. Por isso, faz-se fundamental o professor analisar adequadamente a sua turma e as demandas do currículo para que possa organizar seu projeto de comunicação. Tendo feito isso, é importante realizar uma boa análise da produção inicial dos estudantes.

Em nossa SD, a avaliação da primeira produção dos estudantes permitiu-nos identificar que eles apresentavam muitas e variadas dificuldades. Apresentamos na figura 2, um exemplar de uma dessas produções:

Figura 2 - Produção Inicial



Fonte: Produção escrita de aluno do 7º. Ano A

A análise do texto da figura 2 revela uma série de obstáculos de aprendizagem dos estudantes que vai, dentre outros aspectos, do uso inadequado de normas de ortografia, acentuação e pontuação, passa pela necessidade de melhor organização dos parágrafos, pela pouca adequação da linguagem ao contexto de produção e circulação, e, embora apresente uma narrativa com a temática do terror, não desenvolve adequadamente a estrutura do gênero conto de terror, nem descrever suficientemente personagens, lugar, tempo e ações da narrativa. Assim, os problemas apresentados podem ser agrupados em três dimensões principais:

- situação de comunicação (contexto de produção e circulação) – o aluno não inferiu nenhum tipo de leitor possível para além do professor, o que teve como consequência a inadequação da linguagem;
- planificação (estrutura formal do texto) – o estudante não

- descreveu adequadamente espaço, tempo, personagens e ações;
- c) textualização (emprego das unidades linguísticas) – o texto apresenta problemas linguísticos de diversas ordens (ortografia, acentuação, pontuação, sintaxe etc).

A maioria desses problemas foi abordada ao longo de desenvolvimento dos módulos, como já assinalamos na seção anterior, o que provocou uma melhora significativa nos textos dos alunos. Abaixo apresentamos a versão final do texto produzido pelo mesmo estudante do exemplo anterior:

Figura 3 - Produção Final

O Sorriso Vermelho

Existe uma antiga lenda sobre uma rua próxima a um parque de diversões, muitos falam que ao andar nessa rua, depois das 21:00h é pedir atestado de óbito, pois sempre acontecem coisas estranhas por lá...

Em uma noite duas amigas voltaram para casa à pé, já que tinham gastado todo o seu dinheiro. Elas andavam de modo estranho, parecendo exaustas.

Faltando dois quarteirões para chegar uma delas escutou passos.

— Alice, acho que tem alguém nos seguindo! — Duda fala.

— Ah! Para com isso, só tem gente nessa rua, deve ser sua imaginação. — Respondeu Alice

— Eu espero que sim. — Respondeu Duda com medo.

Em menos de dois minutos uma neblina começou a cair cada vez mais forte, sendo impossível de enxergar algo, até que Alice percebeu que a amiga tinha sumido. Ela chamou pela sua amiga e ninguém respondeu.

Assim, ela ficou preocupada com a amiga, mas também com medo de estar ali sozinha. Então começou a correr para a sua casa, mas à medida que corria escutava barulhos de passos a seguindo. Ao olhar para trás ela viu uma sombra, parecendo uma pessoa, então resolveu perguntar mais uma vez: — É você, Alice?

A sombra foi se aproximando lentamente e Duda notou que não era Alice. Assim, ela voltou a correr, dessa vez muito mais rápido e sem saber para onde estava indo, por causa da neblina.

Duda acabou batendo a cabeça em algo e caindo no chão. Um pouco atordoada e sentindo calafrio, ela se levantou e viu a sombra novamente se aproximando.

Rapidamente ela pegou uma pedra que havia ali e com espanto falou:

— Se você se aproximar eu vou jogar uma pedra! — A garota juntou forças para não deixar transparecer seu grande medo. Porém, o aviso foi em vão e a pessoa que a estava perseguindo se aproximou. No final de contas era Alice.

Duda começou a rir aliviada e soltou a pedra no chão, mas ela viu algo na mão de Alice: uma faca.

Sem falar nada, Alice avançou em Duda...

No dia seguinte saiu no jornal local que havia sido encontrado um corpo de uma menina, ao lado de uma árvore. A menina tinha um corte no rosto, que ia de uma orelha a outra e ninguém sabia dizer o que havia acontecido com ela.

Duda deveria saber que os monstros não estão debaixo da cama e nem dentro do armário, mas sim entre nós, são as pessoas que convivemos.

Quem diz ser seu amigo realmente é?

Fonte: Produção escrita de aluno do 7º. Ano A

Como já afirmamos anteriormente, a SD didática aplicada teve como produto final um e-book e um livro impresso com a coletânea de contos de terror escritos pelos estudantes. A sua circulação

ultrapassou o âmbito da sala de aula, com interlocutores bem definidos: alunos e professores da escola e, de modo geral, os leitores virtuais que podem ter acesso ao livro pela internet (Histórias Horripilantes: coletânea de Contos de Terror, disponível em: <https://online.fliphtml5.com/opub/diao/>).

Embora ainda possam ser encontrados pequenos problemas de pontuação no texto, a sua publicização fez com que o autor se preocupasse em adequar a linguagem a seu público-alvo, evitando certos problemas linguísticos (ortográficos, de acentuação, sintáticos etc.), o que podemos notar no texto exposto na figura 3.

Tal produção também evidencia que o aluno conseguiu entender a importância do uso de adjetivos e expressões adjetivas para descrever as emoções e as ações dos personagens, as quais estão associadas ao desenvolvimento da história que sofreu muitas transformações em relação à sua primeira versão. Podemos notar que o estudante compreendeu o papel das descrições na formação do suspense e do medo em um conto de terror.

Ainda, notamos que os alunos compreenderam a necessidade de utilizar termos descritivos para apresentar também o espaço em que a narrativa se passa, bem como a condensação que esse elemento deve apresentar em contos (que são narrativas não muito longas). Para exemplificar, observamos que na segunda versão do texto que estamos analisando é trazido para o contexto da história mais descrições a respeito da neblina presente no espaço, acarretando uma atmosfera opressiva, como também, nessa nova versão, o conto tem apenas um local como espaço principal para os acontecimentos, algo que trabalhamos no módulo 2 de nossa sequência.

Também observamos o reflexo das aprendizagens dos alunos no que se refere à estrutura desse gênero textual. Na produção inicial, os estudantes não desenvolviam adequadamente o clímax e o desfecho. No exemplo que agora analisamos, o conto possui introdução, conflito, clímax e desfecho definidos. Além de que, constatamos que, no clímax, o aluno trouxe uma revelação súbita, como a verdadeira identidade do antagonista, característica apresentada por nós durante as análises e leituras feitas em sala de aula. Percebemos, assim, que a leitura de diversos contos, como também a análise estrutural desse gênero, conforme trabalhado no módulo 3, possibilitaram aos alunos a compreensão do que é esperado em cada etapa de um conto de terror.

Além disso, a análise de contos produzidos pelos demais alunos, especialmente das primeiras versões produzidas por eles, possibilitou o entendimento acerca do uso da concordância verbal em textos que exigem uma linguagem mais formal. Através dos debates e das

atividades do módulo 4, os alunos evidenciaram reconhecer/compreender as variedades linguísticas existentes na língua portuguesa.

Os processos de escrita e reescrita contribuíram para a criação de contos de terror inovadores, os quais refletem os conhecimentos de mundo e o repertório cultural e social de seus autores. Estes foram capazes de entender que a escrita demanda tempo e diversas revisões sendo necessário também a realização de leituras variadas que contribuam com a ampliação de seu repertório sociocultural

Após a impressão dos livros e a disponibilização destes na biblioteca, realizamos o seu lançamento em um evento na escola. Abaixo segue registro desse momento tão importante para os estudantes e todos os envolvidos no projeto.

Figura 4 - Lançamento do livro “Histórias Horripilantes: coletânea de Contos de Terror”



Fonte: Autoria própria (2023)

Nesse evento, alguns alunos compartilharam as suas histórias para os demais colegas dos 6º anos. Notamos que aqueles compreenderam que a escrita pode e deve ser um momento que exige dedicação e trabalho, mas que também entrega bons frutos e o reconhecimento desse trabalho árduo, tanto por parte da escola quanto por parte da comunidade, foi muito importante para os discentes.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esperamos que o relato de experiência aqui apresentado possa contribuir com o trabalho de outros docentes, evidenciando, para os professores em formação e aqueles que já se encontram em exercício,

o quanto a SD é uma importante e produtiva estratégia para o trabalho com gênero textual em sala de aula.

No nosso trabalho, a partir da produção inicial dos estudantes, foi possível realizar atividades que envolveram escrita, leitura e análise linguística, permitindo a ampliação da competência comunicativa dos estudantes, que leram, analisaram e construíram contos de terror.

Consideramos, também, que a produção da coletânea deu aos alunos a chance de verem seus trabalhos concretizados, valorizados e compartilhados com a comunidade escolar e o público virtual, permitindo a circulação dos textos para além dos muros da escola. Com isso, os estudantes conseguiram compreender que gêneros textuais são produzidos para alguém além do(a) professor(a), possuindo uma função social na comunicação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. L. de. Os Porcos. In: LOPES, Júlia Lopes. *Ânsia eterna*. Rio de Janeiro: Vermelho Marinho, 2019.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In.: *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão Gomes e Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 277-326.

CARVALHO, J. R. O fantástico no gênero conto de terror. *Revista de Estudo em Língua e Literatura*, São Cristóvão, v. 35, p. 213-229, jan/jun 2021. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/15701>>. Acesso em: 23 jan. 2023.

DALCANALLE, L.; MASSAGLI, S. R.. A literatura de terror como incentivo à leitura de textos literários para pré-adolescentes. *Repositório Digital UFFS*, Chapecó. dez 2015. Disponível: <<https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/311>>. Acesso em: 25 jan. 2023.

DIAS, K. F. V. B. A importância do gênero textual conto no processo de ensino aprendizagem, a partir do trabalho com a roda de leitura em sala de aula. In: *SIMPÓSIO Nacional de Linguagens e Gêneros Textuais*. Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/sinalge/2017/TRABALHO_EV066_MD1_SA16_ID94_16032017053747.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2023.

DOLZ, J.; GAGNON, R.; DEC NDIO, F.. *Produção escrita e dificuldades de aprendizagem*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2010.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B.. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004. (Tradução e organização: Roxane Rojo; Gláís Sales Cordeiro).

LOVECRAFT, H. P. *O horror sobrenatural em literatura*. Tradução de Celso M. Paciornik. São Paulo: Iluminuras, 2007.

PERNAMBUCO. Secretaria de Educação e Esportes. *Currículo de Pernambuco: ensino fundamental*. Recife: SEE-PE, 2019. Disponível em: <https://www.afogadosdaingazeira.pe.gov.br/selecao-simplificada/CURRICULO-DE-PERNAMBUCO-ENSINO-FUNDAMENTAL.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2023.

FRANZOSO, P. *Era uma vez...: Os caminhos percorridos pelo conto: Da tradição oral à televisão*. 1. ed. São Paulo: Patricia Franzoso, 2016. E-book.

GUIMARÃES, A. M. de M; KERSCH, D. F. E então... Caminhos da construção de projetos didáticos de gênero - da comunidade de indagação ao desenvolvimento de professoras(res) e das pesquisadoras. In: GUIMARÃES, Ana Maria de Mattos; CARNIN, Anderson; KERSCH, Dorotea Frank (org.). *Caminhos da construção: reflexões sobre projetos didáticos de gênero*. Campinas: Mercado das Letras, 2015. p. 7-28. Acesso em: 19 dez. 2022.

GOTLIB, N. B. *Teoria do conto*. 8.ed. São Paulo: Editora Ática, 1998.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In.: DIONÍSIO, A. P. *Gêneros textuais e ensino*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

STRAUSZ, R. A. Crianças a venda. tratar aqui. In: STRAUZ, Rosa Amanda. *Sete ossos e uma maldição*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2006. p. 67-79.

TERRA, E. O conto na sala de aula. *Revista Metalinguagens*, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 33 - 46, julho 2019. Disponível em: <<https://metalinguagens.spo.ifsp.edu.br/index.php/metalinguagens/article/download/455/406>>. Acesso em: 19 jan. 2023

TREVIZANI, M.; BARRETO, A. C. F.; NASCIMENTO, H. I. de O. Do conto ao reconto se faz um ponto: contribuições do gênero textual conto como estratégia de aprendizagem no ensino de Língua Portuguesa. *Revista de Estudos em Educação e Diversidade - REED*, [S. 1.], v. 2, n. 6, p. 1-23, 2021. DOI: 10.22481/reed.v2i6.10085. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/reed/article/view/10085>. Acesso em: 23 jan. 2023.



Learning the textual genre tale of horror through the didactic sequence tool

Autor 1

Autor 2

Abstract

This article presents an account of an experience in the Literature subproject of the Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) (Institutional Scholarship Program for Teaching Initiation) at UFAPE. The activities carried out were developed in the context of a didactic sequence (DS), in which the horror short story genre was explored, following the DS model proposed by Dolz, Noverraz, and Schneuwly (2004). Its main objective was to provide students with mastery of the horror short story genre, aiming to improve their communicative competence through the reading and analysis of Brazilian literature short stories and the production of a horror storybook. Thus, from a methodological standpoint, the didactic sequence followed the structure discussed by the aforementioned authors, starting with an initial production, from which it was possible to identify the students' learning obstacles. These obstacles were taken as the object of study and work in the DS modules, which concluded with the construction of a horror storybook, with the students as the authors of the texts. In the end, when comparing the students' initial and final productions, we observed their mastery of the elements of the short story genre and their understanding of its functioning and role in society. In this way, the students became capable of producing the horror short story genre, adapting it to its production context, and understanding the linguistic specificities of the genre in focus, recognizing themselves as author-subjects in the school context.

Keywords:

Didactic sequence; Tale of horror; Textual genre.
